

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde : **Rua do Alecrim, 17, 1.º**

(Junto ao Caes do Sodré)

Cursos nocturnos

As aulas abriram a 1 de outubro e fecham a 31 de julho

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para alli se fazer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
Julio Cardona, Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro,
José Henrique dos Santos, Wenceslau Pinto e Rodrigues Beraud*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre :

HAMBURGO — PORTO — LISBOA

ANTUERPIA — PORTO — LISBOA

LONDRES — PORTO — LISBOA

LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.¹

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo.

LA PARISIENNE
A CONSACRÉE

LES
PIANOS
PARIS

A BORD



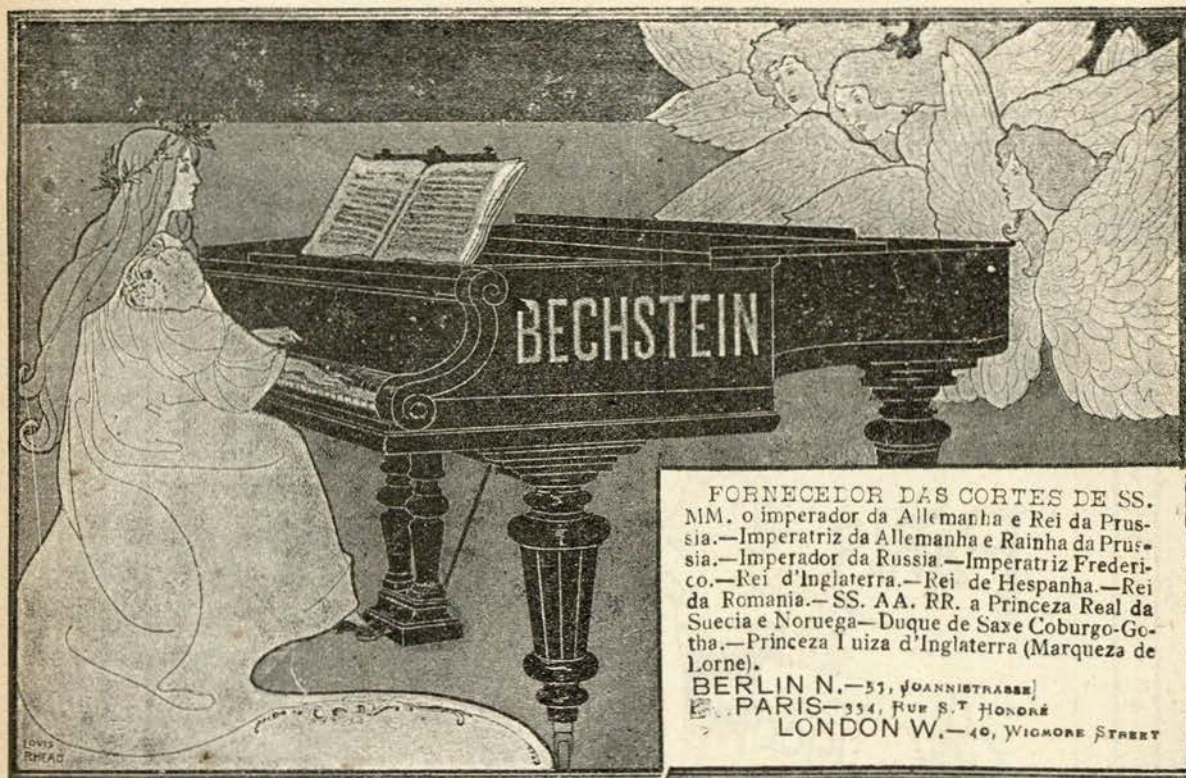
14^{bis} BOUL^e POISSONNIERE *J. Bille*

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prus-
 sia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prus-
 sia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederi-
 co.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei
 da Romania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da
 Suecia e Noruega.—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—
 Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N.—53, JOANNISTRASSE
 PARIS—334, RUE S.T HONORÉ
 LONDON W.—40, WIGMORE STREET

LAMBERTINI
Fornecedor da Casa Real
 UNICO DEPOSITARIO
 DOS
 CELEBRES PIANOS
 DE
BECHSTEIN

A. ALABERN
 OFFICINAS DE
 Photogravura e Zincographia
 Avenida D. Amelia, 13—15—17
 (Ao Intendente)

TRIDIGESTINA LOPES
 Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)
 Associação nas proporções physiologicas, da
 diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por
 excellencia em todas as doenças do estomago em
 que haja difficuldade de digestão. Util para os
 convalescentes, debeis e nas edades avançadas.
PHARMACIA CENTRAL
De F. LOPES
 108, R. DES. PAULO, 110—Lisboa

LISBOA ELEGANTE
 Casa especial de
 gravatas, colla-
 rinhos e pu-
 nhos.
M. C. ALVES
 NOVIDADES
 DE
 LONDRES E PARIS
 15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 E 49

Proprietario e Director

LISEOA

Redactor principal e editor

Michel'angelo Lambertini

Rua da Assumpção, 18 a 24

Ernesto Vieira

SUMMARIO: — Moritz Moszkowski. — As tres maneiras de Verdi. — Archeologia musical. — Notas vagas. — Concertos. — Noticiario. — Bibliographia. — Necrologia.

Moritz Moszkowski

Natural de Breslau, onde vio a luz a 22 d'Agosto de 1854, Moritz Moszkowski, cujo pae, polaco d'origem, vivia n'aquella cidade, dos rendimentos proprios, recebeu as primeiras noções de musica na sua terra natal, e logo depois em Dresde, capital da Saxonia. O complemento da sua educação artistica recebeu-o nos Conservatorios de Stern e Kullak, sobretudo n'este, onde depois de concluir o seu curso musical ficou por algum tempo, fazendo parte do corpo docente da Escola.

Como pianista de largos do tes, deu aos 19 annos o seu primeiro concerto em Berlim, e o successo que alcançou foi de tal ordem, que lhe estabeleceu desde logo grande nomeada. De seguida fez-se ouvir ante os mais exigentes auditorios com identico successo e aclamação; como Paris, Varsovia, Leipzig, etc.

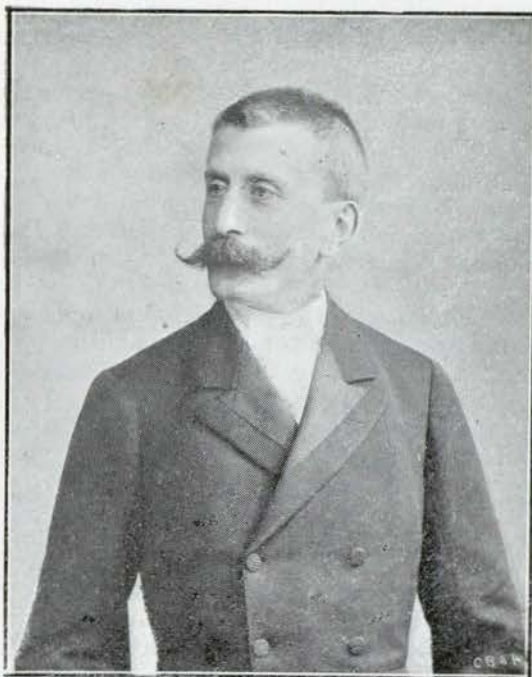
Um mal, rebelde ao tratamento, que pouco depois se lhe declarou nas mãos, obrigou-o em plena serie de triumphos a renunciar á

carreira de concertista, consagrando-se então totalmente á composição musical.

Depois de larga permanencia em Berlim, veio em 1897 fixar a sua residencia em Paris, a grandiosa capital do mundo artistico. N'esse mesmo anno era investido na direcção suprema do

«Queen's Hall» de Londres onde o esperavam novos successos e glorias por parte dos frequentadores dos reputados «concertos philharmonicos.»

As qualidades que mais o distinguem como compositor são a habilidade e relevo caracteristico, que popularisaram a quasi totalidade das suas obras. Entre ellas mencionaremos particularmente as *Spanische Tanze*, para piano composição de grande vivacidade, um poema symphonico *Joanna*



d'Arc, trechos de concerto para violino, e violoncello, com piano, um concerto de violino com orchestra, um de piano, varias *suites* para orchestra, *Lieder* de canto, e a opera *Boabdil, ultimo rei de Granada*, representada em Berlim no anno de 1891 com rasoavel successo.

Um outro irmão, Alexandre Moszkowski,

nascido na Polónia, em 15 de janeiro de 1851, é um critico musical e humoristico de provado talento, cuja obra capital é uma *Historia pratica de musica*, publicada em 1876.



AS TRES «MANEIRAS» DE VERDI

Nunca é demais falar de Verdi. O grande maestro italiano, certamente um dos mais universalmente conhecidos, e não ha muito extinto, continuará, como todos os grandes genios, a viver para a humanidade culta, porque as suas obras, manifestações immorredouras do seu talento, são como que uma permanente existencia do seu ser. Não morrem os grandes homens, porque o facto de ter desaparecido da terra o seu involucro material não extingue a sua obra, que viverá eternamente. Dante, Camões, Rafael, Victor Hugo, Verdi vivem ainda, porque os vemos, e ouvimos quando admiramos os seus versos, os seus quadros, as suas operas.

E tanto assim é, que alguns d'esses grandes genios que de vez em quando appareceram na historia da humanidade, brilhando como astros de primeira grandeza, alguns digo, só começaram a *viver* para nós após a sua morte material. Assim succedeu a Camões, Tasso, e outros a quem a justiça foi posthuma.

Mas Verdi, esse teve a dita de em sua vida assistir á propria glorificação, á propria apothose. Todo o mundo acclamou Verdi em mais de cincoenta annos da sua existencia. Que maior satisfação, que mais legitimo orgulho para um grande genio!



E' sabido que os criticos musicaes assignalam a Verdi tres *maneiras* ou modos diversos porque compoz as suas operas. Não será demasiada pretensão pedagogica, marcar, limitar na longuissima obra do maestro, systemas de factura, em que elle talvez nunca pensou? Os criticos como os sabios, possuem a mania de pautar, estabelecer regras onde não ha mais que a natural evolução das coisas. Na musica, como na pintura e na architectura, se ha estylos estabelecidos, não ha limites exactos, definidos, entre elles.

Influencias varias determinam a evolução; só no regimen politico ha revoluções que mudam subitamente a forma das coisas. Na moderna authropologia já se não admitte

distincção de raças humanas, a raça é a mesma, que se hoje apresenta typos diversos é devido ás differentes circumstancias do meio em que se desenvolveu. E como na natureza, assim succede na arte.

Os grandes genios sofrem evoluções naturaes, em que fatalmente influem circumstancias varias, e a principal é sem duvida aquella que procede do proprio desenvolvimento cerebral, que tende ao aperfeiçoamento. Os acontecimentos da epocha que se atravessa, as circumstancias da vida, o assumpto que suggere o artista, são factores que preponderam inevitavelmente nas suas manifestações e as tornam diversas e lhe imprimem uma gradual nuance de caracter.

Diz o notavel critico Soffredini ⁽¹⁾ que isto de *maneiras* é uma historia sem nenhuma conclusão logica. E accrescenta: «Verdi teve sempre ou quasi sempre o talento de appropriar a sua musica ao assumpto escolhido. Seria comico o critico d'arte que desse duas maneiras a Bellini, confrontando a *Norma* e a *Sonnambula*!»

O estylo, esse sim, desenvolveu-se, mas em natural evolução, propria da que se ia dando no aperfeiçoamento da sua educação artistica, influenciado pelo desenvolvimento da epocha, e portanto dos assumptos que escolheu para os libretos da suas operas. Assim influíu n'elle a epocha romantica pon-do em musica a *Dama das camelias* de Dumas, e os dramas de Hugo, *Le roi s'amuse* e *Ernani*. Onde pois se pretende ver maneiras, não ha mais que progressão natural de facil explicação.



Em mais de meio seculo Verdi compoz vinte e sete operas, contando a *Jerusalem* que é uma notavel ampliação dos *Lombardos*, e *Aroldo* que igualmente é segunda edição do *Stiffelio*, e não contando ainda novas edições d'outras operas.

Com poucas excepções, entre as quaes as duas primeiras, *Oberto di San Bonifacio*, cantada no Scala de Milão em 17 de novembro de 1839, e *Un giorno di Regno*, a que os criticos com espirito chamavam *Una sera di regno*, porque se cantou cremos que n'uma só noite, (5 de setembro de 1840), mais de metade se canta ainda, mais ou menos, em theatros de Italia e do estrangeiro, e algumas se menos frequentemente ou com omissões, é devido ás exigencias

⁽¹⁾ Verdi e le sue opera. *Gazzetta Musicale di Milano* 1889.

technicas a que não podem satisfazer artistas de hoje. Vão rareando os artistas com voz e força para cantar certas operas do grande maestro, e louvor seja dado aos que no meio da evidente decadencia de vozes, por amor á arte do *bel canto*, ousam ainda arcar com tantas difficuldades¹. Nenhum outro compositor mesmo os de maior fecundidade, como Rossini e Donizetti, conseguiram obter tão perduravelmente o apreço do publico em tão grande numero de composições suas. As operas de Verdi são aquellas que em maior numero se tornaram populares, mesmo fóra da sua patria. Quem nunca ouviu uma opera nem faz ideia do que isso é, trautea *la donna é mobile*, o brinde da *Traviata* ou as arias do *Trovador*. E' no conceito do povo, na ingenua intuição do vulgo, que os grandes genios teem a sua melhor consagração, por que é espontanea e é sincera.

Mas voltando ao assumpto que motivou o titulo d'este artigo, vejamos como os criticos limitam as *maneiras* de compôr (maneiras com que o grande maestro decerto nunca se preoccupou), e que nós simplesmente notamos e como nós muitos outros, como phases da evolução gradual de espirito do grande mestre, resultantes do seu aperfeiçoamento no estudo da arte, das circumstancias do mcio, e da escolha dos assumptos em que se inspirou.

*
* *

Em tres grupos dividem os criticos as operas do grande maestro. O primeiro, abrange dez annos, desde 1839 a 1849, em que compoz as seguintes operas¹:

Oberto di San Bonifacio, em 17 de novembro de 1839. Th. Scala.

Un giorno di Regno, em 5 de setembro de 1840. Th. Scala.

Nabuccodonosor, em 9 de março de 1842. Th. Scala.

I Lombardi alla prima crociata, em 11 de fevereiro de 1843. Th. Scala.

Ernani, em 9 de março de 1844. Th. Fenice de Veneza.

I due Foscari, em 3 de novembro de 1844. Th. Argentina de Roma.

Giovanna d'Arco, em 15 de fevereiro de 1845. Th. Scala.

¹ Com viva satisfação citamos a notavel cantora Sr.^a Bianchini Cappelli, a quem devemos o prazer de ter ouvido na ultima epocha os *Lombardos*, *Macbeth* e *Vesperas Sicilianas*, com o mais brilhante exito.

² *Piccolo dizionario delle opere teatrali*. Giovanni Paloschi 2.^a edição.

Alzira, em 12 d'agosto de 1845. T. S. Carlos de Napoles.

Atila, em 17 de março de 1846. T. Fenice de Veneza.

Macbeth, em 14 de março de 1847. Th. Pergola de Florença.

I Masnadieri, em 22 de julho de 1847. Th. de S. Magestade, de Londres.

Jerusalem, (segunda edição dos Lombardos), em 26 de novembro de 1847. Opera de Paris.

Il Corsario, em 25 de outubro de 1848. Th. Communal de Trieste.

La battaglia di Legnano, em 27 de janeiro de 1849. Th. Argentina de Roma.

Foi este o periodo de maior actividade do maestro. Em dez annos incompletos, treze operas.

Até então a phantasia do maestro foi espontanea, talvez mesmo indisciplinada, mas franca e vehemente e immensamente dramatica. A melodia era original e apaixonava as massas, tornando se popular. Os criticos accusam-n'o de demasiada facilidade, e de mal contida nobreza de estylo.

Segue-se:

Luiça Miller, em 8 de dezembro de 1849. Th. S. Carlos de Napoles.

Stiffelio, em 16 de novembro de 1850. Th. Communal de Trieste.

Rigoletto, em 11 de março de 1851. Th. Fenice de Veneza.

Divergem os criticos no limite da segunda maneira. Querem uns que seja no *Rigoletto*, outros que seja na *Traviata* comporta dois annos mais tarde. Já é mania de marcar limites, n'aquillo que gradualmente se revela! A chamada segunda *maneira* começa com a *Luiça Miller*, que é sabido tem muitos trechos do *Nabuco*, *Foscari* e *Lombardos*, operas que classificam de primeira maneira!

N'estas ultimas operas Verdi revella mais estudo na combinação dos effeitos instrumentaes, conservando a mesma fecundidade melodica, mais estudo da forma e nobreza de estylo e conceito. O canto é sempre apaixonado e mais tranquillo.

Prosigamos:

Trovatore, em 19 de janeiro de 1853. Th. Apolo de Roma.

Traviata, em 6 de março de 1853. Th. Fenice de Veneza.

Vespri Siciliani, em 13 de junho de 1855. Th. Opera de Paris.

Simon Boccanegra, em 12 de março de 1857. Th. Fenice de Veneza.

Aroldo (segunda edição do *Stiffelio*), em 16 d'agosto de 1857. Th. Novo de Rimini.

Un ballo in maschera, em 17 de fevereiro de 1859. Th. Apollo de Roma.

La forza del destino, em 10 de novembro de 1862. Th. Imperial de S. Petersburgo.

Macbeth (revisto e augmentado), em 21 de abril de 1865. Th. Lirico de Paris.

Don Carlos, em 11 de março de 1867. Opera de Paris.

Aida, em 24 de dezembro de 1871. Th. Kedival do Cairo.

Seguidamente Verdi ainda fez uma nova edição do *Simon Boccanegra*, que se representou no Th. Scala de Milão em 24 de março de 1880 e outra do *Don Carlos*, cantada no mesmo theatro em 10 de janeiro de 1884.

Otello, em 5 de fevereiro de 1887. Th. Scala de Milão.

Falstaff, em 1893. Th. Scala de Milão.

Foi esta a ultima opera do maestro.

N'esta chamada terceira *maneira*, Verdi escreve com mais nobreza o seu canto, e a melodia reproduz mais profundamente as circumstancias do drama. O seu espirito mais circumspecto, proprio da idade que ia amadurecendo, manifesta-se grave, mas sempre original e perfeito. No *D. Carlos* o caracter de cada personagem resalta com inexcusavel propriedade, e alguns julgam esta opera a mais completa. E criticos ha que querem ver ainda uma divisão na ultima *maneira*, a partir d'esta opera. O maestro Reyer, accusa Verdi de atacado de germanismo, quando compoz a *Aida*!

Ora Verdi conservou sempre a sua individualidade bem destacada. A quem o accusa de tendencias wagnerianas, diz o Sr. Ernesto Vieira, algures, «que se Wagner foi um grande reformador, Verdi foi um grande musico.»

Verdi é tão original no *Nabucodonosor* como na *Aida*, ou no *Falstaff*. Se tem operas actualmente fora das scenas lyricas, o que tem succedido aliás a compositores mais fecundos, como por exemplo Donizetti, é facto que se cantam ainda operas suas das mais antigas, como succedeu em Lisboa na ultima epocha lyrica, e com immenso agrado do publico. Todas as suas *maneiras* agradam. A sua melodia seduz sem convenções, sem preoccupações de escolas nem de estylos, a sua obra será eterna.

ARTHUR NOGUEIRA.

A abundancia de original obriga-nos a retirar á ultima hora grande numero de artigos e noticias.

Archeologia Musical

(Continuado do n.º 130)

IV

Comecemos por declarar-o já: — em pleno seculo xvi, ser organista ou ser mestre de capella em qualquer das tres parochias de Lisboa, que se denominavam S. Gião (S. Julião) S. Nicolau e Santa Justa, não só não era uma simples *sinecura*, mas constituia uma posição que não vemos como se poderia conquistar, se o merito real e verdadeiro não se empenhava no lance.

Em caso igual estavam a Casa e Capella de Santo Antonio, da administração municipal da Cidade, e a parochia de Nossa Senhora do Loreto, desde 1551 privativa dos italianos, que na primeira metade do seculo (1522) tinham conseguido edificar a sua igreja junto á muralha da cidade, e fóra da porta d'ella, denominada de Santa Catharina.

Da parochia de Santa Justa fóra organista, e provavelmente Mestre da Capella, que a devia haver ahi condigna com a amplidão e posses parochiaes, um dos dois Arandas, o Diogo, cuja nomeada chegou até nossos dias, envolta nas protectoras pregas do manto real. — Grande, e até instructiva historia, esta! Vale a pena conta-la.

Por ser excellente tangedor d'orgãos, foi Diogo d'Aranda convidado a trocar o bom partido que n'aquella parochia tinha, por logar igual na Casa de Santo Antonio, capella cujo governo pertencia ás vereações da Cidade.

Aqui se conservou este orgauista, por espaço de vinte e um annos, nada menos, e ainda mal! que lhes deu tempo a lhe fazerem a traição que costumam; — mancumunarem-se com os invejosos, para tirarem o pão a quem já lhe vai custando a ganha-lo.

No seio da vereação houve quem lhe parecesse que Diogo, por velho, devia ser despedido. Era, porém, violento o processo, e mil vezes preferivel que fosse o proprio condemnado o que «tomasse a iniciativa», como hoje polidamente diríamos, de lavar a propria sentença.

Insinuou-se-lhe o expediente:

— Despeça-se, Mestre, vossa mercê está velho; vá descansar. — Tenção damnada, — está se a ver — envolvendo-se na hypocrisia do perfido alvitre.

O outro era fino, e sabia, naturalmente, o que pretendiam d'elle: — mandal-o para o cemiterio da parochia, mais breve do que elle queria.

Resistiu á *sugestão*.

Empregou-se pois outro expediente, sem se sahir dos moldes adoptados.

— Faz favor de se despachar a pedir a demissão! Estamos compromettidos a obsequiar o ministro, e é preciso que vossa mercê se mostre também empenhado em facilitar o nosso empenho. Percebeu agora?

No seculo xvi, as manhas eram já as mesmas de hoje, e as palavras que as acobertavam não deviam de fazer grande differença das de nossos dias. A lição de historia está em se ficar sabendo que já nessas afastadas eras se sabia applicar praticamente o prologo, tão velho, afinal, como a machina do mundo: — «Deus deu a palavra ao homem, para que este possa facilmente occultar o seu pensamento.»

Diogo d'Aranda não teve remedio senão responder pelo mesmo feitio; — fingir que se queria, realmente, ir embora. Despediu-se dos seus queridos órgãos e foi se, com effeito, mas, sahindo da Casa de Santo Antonio, indireitou sem hesitações para o Terreiro do Paço, onde, segundo o testemunho de Gil Marinho, livreiro do Infante D. Luiz, este esclarecido principe, tão desempoeirado de espirito, na verdade, quanto seu regio irmão o tinha boto e mal intencionado, possuía os seus alojamentos¹.

Do resultado d'esta visita veio até á posteridade um curioso diploma.

E' o que o nosso esclarecido amigo e distincto Redactor principal d'esta **Revista**, sr. Ernesto Vieira, publicou integro a pag. 40 do vol. I do seu excellente e copioso **Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes**. — E' uma *carta de empenho*, mandada por D. João III, a pedido de seu «muito amado e presado irmão,» o Infante D. Luiz, aos vereadores e procuradores da cidade de Lisboa, *encommendando lhes* quizessem encarregar de novo dos «ditos órgãos» a Diogo d'Aranda, para d'aqui em diante os tanger e ter cuidado d'elles, assim e da maneira que dantes fazia, havendo vós por certo que de o assim fazerdes vol-o agradecerai muito, e terei em serviço».

Imaginemos agora, leitor benigno, a cara que fariam os muito honrados edís lisboenses, quando lhes entrou pela porta dentro o velho Diogo d'Aranda, fazendo respeitosa e profundas venias a uma e outra banda da mesa da vereação, apertando o barrete com ambas as mãos contra o peito, seguido do pagem da escrivanhinha de Sua

Alteza, portador da *attenciosa* carta regia, na qual el-rei *ousava* lembrar aos honrados vereadores que Diogo d'Aranda, *obrigado a despedir-se*, o fizera ao cabo de vinte e um annos de serviço, e tendo trocado o excellente partido dos órgãos de Santa Justa pelo que a Cidade lhe offerecera, para, por fim, o mandar embora sem motivo, dando-lhe a miseria e a fome como reforma...

Não sabemos quem haja sido o organista que em Santa Justa tomou conta dos órgãos, em substituição de Diogo d'Aranda, quando este, em 1530, acceitou o cargo de tangedor dos da Casa de Santo Antonio.

Sabemos, porém, que em 1565 residia na rua dos Frades de Belem «Mestre João, organista»¹. Esta rua ficava, salva a differença de nivel, nas immediações da actual rua do Principe, pouco mais ou menos pelas alturas do ultimo quarteirão, nas vizinhanças do sitio onde, já no seculo xviii, tinham seu palacio, em nossos dias derrubado, os duques de Cadaval.

A rua dos Frades de Belem, em 1756 reduzida á inferior categoria de «beco dos frades», contava-se no territorio da freguezia de Santa Justa. E' bem possivel que «Mestre João» fosse o tangedor dos órgãos da sua parochia, desde a sahida de Diogo d'Aranda.

— E Fernão Gomes? Já agora, para o numero seguinte.

GOMES DE BRITO.

NOTAS VAGAS

CARTAS A UMA SENHORA

LXII

De Lisboa

Se até ahi chegasse o clarão avermelhado das fogueiras de Santo Antonio teria a minha amiga a momentanea visão d'esta sua amada Lisboa na presente quadra em que a alcachofra e o mangericão florescem...

Assim, e porque não desejo avivar-lhe o espinho da saudade embora, como o poeta, todos nós lhe achemos um «doloroso sabor», em vez de me occupar de bailaricos e descantes, tagarellarei d'outras cousas.

¹ Na pag. do **SUMMARIO** de Christovão Rodr. d'Oliveira, destinada aos «*Erros da Empressa*». (1551)

¹ **ARCHIVO DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA**. *Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade fez a El-Rei Nosso Senhor*, pag. 448.

Por exemplo da 4.^a exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes.

D'ella já lhe haverão falado muito bem e muito mal, sendo possível que uns e outros tenham rasão; mas parece que agora passou a ser moda dizer d'estes certamens mais mal que bem, porque, conforme não ignora, um dos traços característicos da nossa personalidade nacional vem a ser esta, — estarmos sempre nos extremos, pelo que ou nos julgamos optimos ou nos definimos — pessimos...

Ora eu, que aliás devo parecer-me *con mis paisanos*, permitto-me de quando em quando discordar, e ainda no caso presente não reputo a exposição nem uma maravilha nem um horror, antes se me affigura que, como todas as exposições, ella encerra de tudo: veneraveis *mamarrachos* e authenticos primores.

Não julgo necessario enumerar os primeiros e passando aos segundos, dir-lhe-hei, querida amiga, que havendo numa sala aquelle delicioso quadrinho *Espantando os pardaes da ceara* em que Malhoa, hoje o mais typico talvez dos pintores portuguezes, realisou na verdade uma inestimavel obra prima com o mais simples e comestivel assumpto; admirando n'outra o poderoso retrato do dr. Avelino Monteiro, que já lhe citára e onde Carlos Reis nos mostrou uma nova e egualmente luminosa face do seu com effeito *real* talento; aguardando nos n'aquella sala mais alem as telas de Columbano, em que allem dos sabidos e já agora, creio que visceraes defeitos, destacam ao mesmo tempo as assombrosas e por vezes geniaes qualidades d'este estranho mas soberbo artista; e, finalmente, ostentando se em todas ellas, aqui e ali agradaveis e interessantes *manchas* da paisagem portuguesa, por vezes felizmente surprehendida em toques de verdadeiro e subtil talento, de sentida e levantada inspiração, como sejam algumas de Carlos Reis, Vaz, Saude, Trigo, Torquato Pinheiro, Henrique Pinto, Augusto Ribeiro e Gomes Fernandes: — não pôde em consciencia aventar-se que a exposição é uma inutilidade — com circunstancias aggravantes. Não pôde, nem deve.

E advirto que ainda poderia indicar-lhe alguns quadritos de aspectos da Suissa, devidos ao pincel sincero e sobrio de D. Fanny Munro, e trez dos quaes, os n.ºs 128, 129 e 132 deveriam pelo menos ter merecido aos criticos qualquer menção, porque quasi se palpa a consciencia com que estão feitos; assim como gostaria que visse as aguarellas de José de Brito quasi todas ellas dignas de irem figurar n'alguma linda salinha de senhora, e as duas encantadoras cabeças a

pastel em que D. Emilia dos Santos Braga, decididamente nos quiz mostrar de que é capaz o sexo a que ella e V. Ex.^a pertencem.

Já vê portanto que a exposição não é em absoluto má, e bastava que em toda ella pairasse como paira juntamente com o grande e já consagrado talento de Teixeira Lopes com trabalhos em todas as salas, a alma porventura torturada e incerta mas sem contestação de um modelar relevo dos dois ou tres pujantes artistas a que de fugida me refiro, para que o pessimismo dos maldiscentes tenha de capitular, e de reservar para mais opportuno ensejo as suas aceradas e demosthenicas diatribes.

O pintor que achou na sua paleta os tons e os valores para nos dar aquella *Planicie ao poente*; aquelle outro que n'um bom momento fixou um pedaço do Sado, na tela que no catalogo tem o n.º 113, e bem assim o que em simples retalhos minhotos por vezes acha taes effeitos de luz e de cor, não são positivamente gentes nullas, e dentro dos seus respectivos cerebros e no fundo das suas pessoas retinas alguma cousa vibra e fala, deixando-nos entrever pedaços da infinita e immortal belleza do universo e da vida.

Em materia de idéa, até os mesmos que em boa verdade não se me affigaram dos melhores inspirados teem por vezes quartos d'hora felizes, e pelo que respeita á technica o maior elogio que quanto a mim se poderá tecer a alguns dos expositores é dizer-lhe que embora aos olhos de muitos elles recordem a phrase que d'um escriptor se conta — que era um bello estylo á procura d'um assumpto, para outros, e que em certos meios são hoje considerados os mestres da critica, elles representam o suprasumo da arte do pintor, isto é, estão juntamente em via de encontrar a verdadeira formula definitiva da sua arte, que visando, segundo a expressão d'um critico illustre, a fazer nos pensar por meio das cores, de modo algum deve ser em todo o caso uma concorrente á philosophia, á litteratura, ou á poesia...

E' claro que a tonalidade chromatica, a linguagem psychologica, e a fórma plastica são os mediadores naturaes entre as nossas almas parciaes e a alma universal, mas convem que cada uma das artes conserve a sua fórma de exteriorisação propria sem invadir o dominio contiguo...

Por esse lado, apesar dos defeitos a apontar na obra d'alguns pintores da actual exposição, defeitos que nem a mais insigne longanimidade poderia escurecer, *verbi gratia* os que podem notar-se nos dois grandes quadros de Columbano, onde ao lado de tre-

chos geniaes ha *borrões* inconcebiveis e imperdoaveis, a resultante final é animadora, assim elles encontrassem, que não encontram, da parte do publico e das chamadas estações officiaes, aquella porção de bemfazeja *sympathia*, de natural apoio que em todos, todos os paises, chamados cultos, estes missionarios da religião do Ideal encontram, e em virtude do que, taes paizes se differenceiam dos povos chamados botocudos, patagonicos e quejandos nomes... Infelizmente, cada vez creio menos n'isso.

Observar-me-ha V. Ex.^a talvez que não devo assim arrancar aos estimaveis artistas a illusão que em tal materia porventura nutram, mas leio agora mesmo este bello conceito de Gabriel Séailles e ainda que me custe sou forçado a concordar com elle:

«L'illusion est dangereuse comme toute forme de mensonge, puisque le déterminisme des faits pose ses conséquences en dehors d'elle».

Aqui o *determinismo dos factos* traduz-se no seguinte: que nem a camara municipal nem museu do Estado para só estes citar, adquirem jamais uma simples tela no intuito de fomentarem o culto d'essa religião do Ideal de que atraz lhe falava.

Poderá ser economico mas é igualmente imbecil, e ia jurar que ambos estamos de accordo...

AFFONSO VARGAS.

CONCERTOS

Entre as festas commemorativas do jubileu do nosso presado collega *O Commercio do Porto*, tambem a musica teve o seu lugar.

Foi, ao que dizem, brilhante a cerimonia musical que em 1 do corrente se effectuou na Sé do Porto, sob a regencia do abalisado professor Alfredo Maia.

Tomaram n'ella parte os srs. Gaspar do Nascimento, Francisco Meyrelles, Francisco Roncagli e Carlos Quilez, bem como a orchestra da capella Silvestre — executando-se musica sacra de Cherubini, Mercadante, Faure, Rossini e outros auctores.



No dia 2 realisou-se no Salão do Conservatorio, uma audição musical dramatica, promovida pelo alumno da aula de declamação, Silvestre Alegnim.

Na primeira parte executaram se dois trechos originaes do sr. Hernani Torres, intitulados *Reverie* e *Serenade*, escriptos para violino, violoncello e piano. O auctor que tem dado sobejas provas de ser um pianista de merecimento, revelou-se agora um compositor de talento e que promette, se estudar, fazer carreira brilhante.

O sr. Ivo da Cunha e Silva, discipulo laureado do maestro Goñi, fez-se ouvir no primeiro andamento da sonata em sol de Tartini.

Bôa escola, segura afinação e estylo apropriado, mostrou o joven violinista na execução d'aquella inspirada pagina de musica.

Em duas peças de *Davidoff* e *Albert* apresentou-se o sr. David de Sousa, violoncellista de talento, patenteando nos dois trechos a bôa escola do seu professor, o distincto artista Cunha e Silva.

O sr. Venceslau Pinto, a quem por vezes temos elogiado, sem favor, executou no oboé uma peça de grande difficuldade e que mereceu ao artista os justos applausos com que o publico o distinguui.

A distincta artista Consuelo Escriche, da companhia do Colyseu, cantou a valsa *Parla*, mostrando não só ser uma cantora de merecimento, como musica de valor, acompanhando-se ao piano com muito proficiencia.

Valle na *Mania metrica* foi impagavel de graça e o promotor da festa Silvestre Alegnim, colheu bastos applausos em diversos monologos que disse com verdadeira veia comica.

Os córos sob a direcção do maestro Guilherme Ribeiro, causaram como sempre grande entusiasmo, sendo os numeros que constavam do programma bisados e executando-se a pedido do publico o *Trevo* e a canção de Vianna da Motta.

A concorrência foi regular.



Sob a designação de *Academia Musico-Gymnastico Litteraria* effectuaram no dia 2 a sua festa annual as *Officinas de S. José*.

A excellente banda e o grupo choral das *Officinas* executaram diversas peças do seu repertorio, mostrando o bello resultado do ensino que ali se ministra e a orientação e disciplina com que são regidos os trabalhos musicas.

Felicitemos cordealmente os corpos dirigente e docente d'este optimo estabelecimento d'ensino e muito em especial o illustre organista e professor, Padre José Concina, cujo elevado talento e proficiencia já tivemos bastas occasiões de admirar.



Segue-se na ordem chronologica a audição do *Orgão Mustel* offerecida á imprensa portuense em 5 do corrente pelo nosso illustre correspondente, o professor Ernesto Maia.

Já aqui fallámos na nova tentativa do emerito mestre portuense e como complemento da noticia dada, pedimos venia para transcrever do nosso collega *O Primeiro de Janeiro* a apreciação do concerto agora realiado e a descripção minuciosa do instrumento.

«Esta sessão musical, interessantissima pelo que teve de novo e d'imprevisto, duplicou ainda d'importancia pela exposição elucidativa do que é e vale o *Orgão Mustel*.

Primeiro fallou o programma, dando-nos a impressão nitida e immediata, logo no primeiro percorrer dos dedos sobre o teclado, de que estavamos em presença d'uma conquista, que, se não revoluciona a musica profundamente, abre-lhe ao menos novos caminhos, pondo na mão dos maestros e dos artistas grandes meios de expressão que até agora não tinham. E não nos custou nada convencer-nos de que o *Orgão Mustel*, se é já, como o proclamou Saint-Saëns, unico no mundo, será tão disputado no porvir, segundo lh'o profetisa Alex. Guilmant, do Conservatorio de Paris, como o são hoje os Stradivarius.

Das peças executadas, escolhidas no intuito de demonstração, as duas de Bach (Aria e Minuete) são, como explica em nota o programma, transcripções do citado maestro Alex. Guilmant, para Harmonium. Também é transcrição d'um romance do padre Martini, celebre compositor do seculo xviii, a peça *Plaisir d'amour. Le coucou*, de Daquin, pertence ao repertorio do cravo. As restantes, *Evocation* e *Vesper*, de Alp. Mustel, *Idylle champêtre*, de J. Bizet, 2.^a *Rapsodie* de Saint-Saëns e *Fanfare de Lemmens*, são originaes e pertencem, inicialmente, á litteratura do *Orgão harmonium*.

Todas estas composições, de generos diversissimos e em que se admira o vôo poetico da inspiração, todas ellas traduzidas no novo instrumento, realçam-as ainda de valor, sobredouram-as qualidades de surpreendente belleza, assim o agrupamento de effeitos inesperados, como as multiplas combinações sonoras que permitem uma infinita variedade de matizes.

Surprehendo, realmente, pela novidade, e riqueza extraordinaria de timbres e de tonalidades — a intensidade consideravel, que ora se alterna, ora se casa com a expressão de

delicadezas finas, ligeiras, flexuosas, d'uma singular doçura e encanto.

Depois, tanto quanto nos foi dado apprehender n'uma primeira audição, o *Orgão Mustel*, conservando do órgão classico a austera magestade religiosa, propria a falar com Deus, o coração constricto e a fronte prostrada no lageado das cathedraes profundas, addicionou-lhe recursos de orquestração e de colorido que o seu predecessor não tinha e mercê dos quaes os corações se levantam ao alto, na alegria descriptiva ou pictural das harmonias da natureza, ou na linguagem incoercivel do sentimento, — amor ou odio, riso ou lagrimas, piedade, desespero, sonho ou saudade.

Entre os principaes recursos orchestraes a que se devem estas qualidades emotivas, um d'elles se estrema pela sua incomparavel belleza e magia. E' a arpa eolia, que produz admiraveis effeitos de perspectiva — a harmonia e a melodia apartando-se em planos que se distanciam successivamente ao infinito. Como isto é bello! Como fala suggestivamente ao nosso espirito!

Ha ainda a notar a extrema sensibilidade e maleabilidade do instrumento que se adapta, na melodia, ao canto lento ou vivo, severo ou florido, e na harmonia, a todas as gradações de sonoridade, desde o pianissimo mais subtil ao fortissimo mais cheio, desde a nota grave mais profunda á aguda mais scintilante.

Com um instrumento assim, e com um executante do valor de Ernesto Maia, um espirito de eleição, verdadeiramente enamorado da arte e dos progressos que ella dia a dia realisa, vê-se que são possiveis e, o que mais vale, tangiveis as bellas coisas que pudemos ouvir domingo, os nossos collegas e nós, na brilhante sessão musical a que Ernesto Maia nos convôcou. A reunião testemunhou lhe em abraços e felicitações o apreço em que tem o seu distincto merecimento e o enlevo com que o tinha escutado. Foi uma manifestação que vale, sobretudo, pela effusiva sinceridade.

A seguir, o nosso querido amigo passou á segunda parte da sessão, explicando as particularidades do instrumento que se acabava d'ouvir. Então, desmontado o *Harmonium* peça a peça, foi-nos dado a todos vêr as proprias entranhas do monstro. E' admiravel, é uma verdadeira criação, e representa o trabalho paciente d'uma intelligencia perspicaz e infatigavel durante uma vida inteira.

Vamos reproduzir, o mais fielmente que soubermos, esta parte da conferencia, tão interessante como a primeira.

Começou Ernesto Maia por dizer que o

Harmonium de Mustel é um instrumento à parte na categoria dos instrumentos a *soufflerie*. A perfeição absoluta da sua construção, o poder da sonoridade, a variedade de timbres dos seus registros e a sensibilidade dos seus pedaes, fazem d'elle o instrumento expressivo por excellencia, offerecendo á habilidade do executante os recursos de uma orquestração variada, correspondendo por completo a todos os requisitos da sua fantasia e a todos os graus da sua emoção.

A America, especialmente, exporta por milhares, para a Europa, instrumentos de todos os feitios e tamanhos que os artistas repudiam considerando-os como *harmoniums* de commercio, em opposição ao tipo do *harmonium* d'arte que o talento inventivo de Mustel aristocratisou, collocando-o na fila dos instrumentos completos com direito á maxima consideração dos primeiros vultos da arte musical contemporanea e peritos na especialidade, como Saint-Saëns, Guilmant, Widor, Lamoureux, Fauré, Lemmens, Colonne, Dubois, Lefebure-Wely e tantos outros. A applicação restricta dos *harmoniums* americanos, limitada ao effeito apenas interessante dos acompanhamentos dos cantos liturgicos, nunca pôde conceder-lhe fórs de instrumento de concerto. Um instrumento que não permite ao artista todas as gradações da *nuance* e que só lhe offerece um timbre uniforme mais ou menos intenso, não pôde entusiasmar-o nem satisfazer-lhe o sentimento poetico e emotivo que são a característica d'uma verdadeira organização.

D'este modo, para que o *harmonium* pudesse ser um instrumento artisticamente citado, era necessario levar a *soufflerie* ao pon o de produzir identicos effeitos, sob os pés adestrados d'um organista, ao do arco de rabeca na mão d'um violinista, pois que com o simples auxilio da *Expressão-Pedal* devem ser realisadas todas as *nuances* desde o pianissimo mais imperceptivel ao mais grandioso fortissimo.

Era necessario que a sensibilidade das folhetas metallicas, vibrando com a mais tenue columna d'ar, resistissem tambem ao vigoroso impulso que toda a força fisica de um homem pudesse imprimir-lhe á *soufflerie*, sem attentar contra as suas condições de conservação e de afinação. Era preciso ainda que o complicado machinismo do instrumento com *talonniers* de *grand-jeu* e de prolongamento, e com joelheiras de *double* expressão, *métaphones* para a transformação da sonoridade de determinados jogos, registros de fortes fixos e expressivos, etc. — fosse adoptado a um espaço restricto, dentro d'uma caixa sonora de pequeno volume, facilmente transportavel e de manejo

commodo para o executante. Tudo isso Mustel realisou n'um periodo longo de laboração e de lucta. E hoje, firmando n'um tipo definitivo a sua fabricação e tendo a lealdade de concorrer para que os collegas de industria façam o mesmo, offerece aos musicos um instrumento absolutamente perfeito, que tem conquistado a admiração em todos os paizes onde elle tem sido ouvido. Quando se fez a primeira exhibição do instrumento em Berlim, o critico d'um importante jornal escreveu que, em face de tal perfeição, deveria abrir-se nos Conservatorios uma aula especial para o estudo do Orgão expressivo de Mustel.

O *harmonium* a double-expressão, tem já uma litteratura valiosa em numero e qualidade, que se está enriquecendo dia a dia com as publicações expressamente escriptas para o Mustel. Tem o seu tratado publicado e os seus professores especiaes.

Nada falta pois para que o bello instrumento conquiste o logar que lhe pertence e que ninguem pôde contestar-lhe entre os que mais podem satisfazer as exigencias de um musico.

Esta clara exposição e a inspecção ao instrumento foram coroadas pelo applauso dos assistentes».



A convite do director d'esta folha, teve logar em 8 na Sala Lambertini uma audição musical especialmente consagrada á imprensa periodica, que se fez representar na sua quasi totalidade.

O programma, já aqui annuciado, comportava varios trechos de violoncello, executados por um artista desconhecido entre nós, o sr. Max Benno Niederberger, professor do Conservatorio do Rio de Janeiro.

Além d'esses trechos executou o distincto artista uma deliciosa *Romance* de Arthur Napoleão e houve, como feliz surpresa, a apresentação do sympathico barytono brasileiro, sr. Corbiniano Villaça que cantou a *Vision fugitive* da Herodiade, *Il Neige* de Bemberg e *Still wie die nacht* de Bohm.

Ambos os artistas foram acompanhados, de improviso, pelo nosso notavel pianista Oscar da Silva, que n'este trabalho d'um altissimo compromisso e responsabilidade, bem mostrou os recursos de que dispõe a sua arte e as invejaveis qualidades que o exornam na especialidade tão ingrata e tão difficil de acompanhador de concerto.

O violoncellista Niederberger teve um bello exito n'esta sua audição, agradando muito a bravura, nobresa, sobriedade e afinação que evidenciou nas diversas obras exhibidas. Se tivesse um pouco mais de elas-

ticidade na mão direita e um pouco mais de fogo em certas passagens, seria um artista que não temeria comparação com o melhor que temos ouvido; mas as qualidades que acima apontamos e a formosa sonoridade que tira do seu instrumento, um precioso *Guadagnini*, quasi o compensam d'aquelles senões e concorrem indubitavelmente para que o ouçamos sempre com um elevado prazer.

Corbiniano Villaca, que já não é um desconhecido para os lisboetas e que chega de Paris, onde trabalhou muito a serio e onde deu mesmo varios concertos (temos á vista o programma de um d'elles, na *Bodinière*), vem consideravelmente melhorado na empostação da voz e na maneira de phrasear.

Tem de resto um timbre quanto possivel sympathico e encantou-nos positivamente na *Herodiade* e na romanza de Bohm, não tanto na pecinha de Bemberg, em que desejariamos mais leveza e nitidez.

O distincto cantor conserva-se ainda algum tempo entre nós.



A 9 a professora portuense D. Luiza Chiamonte teve uma brilhante festa em sua homenagem no salão nobre do theatro de S. João.

O concerto, organizado a primôr, teve a cooperação do *Sexteto Caggiani*, dos distinctos professores Henrique Carneiro, Carlos Quilez, Paulo Navone, e Xisto Lopes, e de alguns discipulos da laureada professora de canto da capital do norte.



O concerto da *Real Academia de Amadores de Musica*, effectuado na mesma data de 9, deve tambem ficar registrado, como todos os que esta prestimosa associação organisa.

As peças orchestraes formavam, como é natural, o fundo do programma, e d'ellas destacaremos, como a que nos merece mais elogiosas referencias, a *Simphonia em Sol menor* de Mozart que já no anterior concerto tinhamos ouvido, e á qual não regatearemos os nossos melhores applausos. Salvo o *Andante* que n'uma e n'outra vez nos pareceu incerto e mal fundido, os outros tres andamentos foram tocados com segurança e com uma louvavel preocupação de colorido, que dá muita honra ao bom tacto artistico do mestre e ao talento e boa vontade dos executantes.

Entre as outras peças de orchestra sobrelevou a abertura do *Prometeus* de Beethoven, com que o concerto abria.

As honras de solista n'este concerto couberam á sr.^a D. Eugenia Braulio Crespo,

cujos progressos no violino se accentuam de dia para dia, ganhando sob a proficiente direcção de D. Andrés Goñi qualidades reaes e solidas de concertista. A *cavata* é boa, o som não tem nada de mesquinho e as intenções são bem sublinhadas. Com os seus luminosos 17 annos póde, se continuar a trabalhar, vir a ser uma das nossas boas artistas; só desejariamos que não precipitasse o amadurecimento das suas optimas qualidades de tocadora com o habito, bem vulgar entre os nossos jovens amadores, de executar as obras que foram expressamente escriptas para concertistas já feitos, mesmo que ellas se não adaptem a recursos, que tem de fatalmente ser restrictos durante os primeiros annos de tirocinio.

E antes de fechar este artigo, vem a proposito reparar um erro commettido no nosso anterior numero, quando diziamos que a solista do anterior concerto da *Academia*, seria a sr.^a D. Esther de Campos, quando realmente foram os alumnos José Oliveira Ferreira e D. Camilla Casaes de la Rosa, que tambem são duas optimas esperanças e duas risonhas glorias para o professor Andrés Goñi.



Na proxima noute de 18 haverá no theatro D. Amelia em magnifico sarau organizado pelos illustres professores Oscar da Silva, Nicolino Milano e Corbiniano Villaca.

Constará de duas partes consagradas a estes eminentes solistas, que o publico sempre ouve com tanto agrado, e da representação de uma peça de Manuel Penteado, com o titulo de *Lei-San*, confiada aos distinctos actores Lucilia Simões, Henrique Alves e Chaby Pinheiro.



A 19 dá a *Sociêdade de Concertos e Escola de Musica*, o seu ultimo concerto d'esta temporada, no Salão do Conservatorio e a 23 effectua a *Sociêdade de Musica de Camara* no mesmo Salão a sua penultima *séance* referente ao mez de maio, sendo a ultima poucos dias depois.

NOTICIARIO

DO PAIZ

Foi de 229\$860 réis o rendimento da Matinée-Concerto em beneficio da familia do fallecido concertista de cornetim José Rodrigues d'Oliveira, realisada no Salão da Trindade, em 15 de Maio ultimo, do qual

deduzidas as despesas de 94\$725 réis restam 135\$135 réis, que foram entregues em 31 do mesmo mez por Alfredo Borges da Silva, membro da comissão promotora a Jayme Rodrigues d'Oliveira, filho de José Rodrigues.



Já foi decretada, em favôr da talentosa pianista D. Virginia Suggia, a pensão governamental para aperfeiçoar a sua arte no estrangeiro. Começará a vigorar em março do proximo anno de 1905.



Parte em setembro para Leipzig o simpático e talentoso artista David de Sousa, que se propõe a aperfeiçoar-se no violoncello, sob a direcção de Julius Klengel.

BIBLIOGRAPHIA

Do illustrado editor sr. Gomes de Carvalho recebemos um exemplar da sua nova publicação, firmada pelo Dr. Alberto Pimentel e que tem por assumpto a historia e bibliographia do fado portuguez.

Com thema para nós outros tão interessante, não admira que lêsemos o livro de um só folego e com infinito prazer.

Destina o Dr. Pimentel o primeiro capitulo a investigações philologicas e historicas, tendentes a demonstrar a moderna origem da nossa canção nacional, a que o douto homem de letras dá o nome de *Triste canção do Sul*; e constatamos com satisfação que n'esse bello capitulo e no tocante á origem do Fado ha absoluta concordancia de opiniões com o opusculo que o director d'esta folha publicou ha dois annos sob o titulo de *Chansons et instruments*. Depois de estudar a questão sob diversos aspectos e contradictando o que alguns auctores¹ avançam acerca da influencia dos cantos arabes sobre a nossa musica popular, diz o Dr. Alberto Pimentel: — «... o que parece certo é que o Fado, tal como hoje o conhecemos, nasceu em Lisboa, depois da primeira metade do seculo XIX, e que d'aqui irradiou para as provincias, apenas com o caracter de *moda*, de invenção moderna, o que exclue a hypothese de uma antiga filiação arabe.»

E' essa tambem a opinião do professor Ernesto Vieira, claramente manifestada no seu *Diccionario*.

O que não nos parece igualmente esclarecida é a origem da guitarra portugueza, a que o auctor do novo livro quer attribuir filiação arabe, fazendo-a derivar directamente do alaúde mussulmano.

O alaúde que nos paizes de dominação arabe toma o nome de *E'oud*, e que é de remota origem persa, não tem as characteristics essenciaes da nossa guitarra; tem a caixa convexa, como a dos bandolins, o braço curto e o cravelhal formando angulo mais ou menos agudo com o braço. A *Kuitára* marroquina, que de resto se assemelha ao *E'oud* na forma, teria ao menos a vantagem de condizer sob o ponto de vista etymologico com o nosso instrumento popular.

Mas em nossa opinião e emquanto não tivermos topicos mais positivos para a modificar, a guitarra portugueza descende por via directa do *Cistro* europeu, que se fabricava em larga escala na Inglaterra, vindo tambem d'esse paiz, se nos guiarmos por Silva Leite, as melhores e talvez as primeiras guitarras que aqui se usavam.

E' curioso que no nosso paiz muitas questões elementares de historia musical ainda envolvam no mais escuro mysterio.

Tivemos dois *luthiers* de nome, Galvão e Sanhudo, e sabe Deus se outros ainda; ninguém lhes conhece a biographia.

Temos um instrumento popular, que é unico em todo o mundo e que alem d'isso é por assim dizer de hontem; ninguém lhe sabe a filiação.

Acerca do proprio *Fado* julgamos tambem que não está dita ainda a ultima palavra, se bem que, a nosso vêr, o livrinho do Dr. Alberto Pimentel é o mais completo repositório de informações que sobre o assumpto se tem colligido.

A seguir ao primeiro capitulo, que para a historia musical e para o estudo do *folk lore* portuguez é sem duvida o mais interessante, veem outros q e teem por titulo: — *Fadistas, Os assumptos do Fado, A Severa e o Conde de Vimioso, Fados de nomenclatura e fados litterarios*, fechando a obra com um catalogo bibliographico que contem a indicação de mais de 100 *Fados* e que representa trabalho de pacientissima investigação e de inestimavel auxilio para todos os que no futuro queiram proseguir no estudo de tão interessante assumpto.

O que é evidente é que nosso *folk-lore*, tão pobre de livros e de documentos de qualquer natureza, ganhou muito com esta nova publicação, a cujo auctor e editor endereçamos os nossos melhores emboras.



O 10.º numero das *Aguilhadas* tambem nos chegou n'esta quinzena, por amavel de-

¹ Nomeadamente o Dr. Theophilo Braga.

ferencia do seu illustre redactor, o sr. Paulo Osorio.

São judiciosas e acertadas as considerações sobre Fialho d'Almeida e sobre a transformação que o grande artista da palavra operou no seu estylo e na sua maneira — verdadeiras na sua honesta severidade as palavras consagradas á monomania estatuarria dos lisboetas — e interessantes, a mais não poder ser, as notas que se referem aos *Quadros de Antonio Carneiro* e ao *Caso do Pimenta*.



Da *Bibliotheca de Traduções* recebemos o 3.^o volume da collecção a que já aqui temos alludido — um volume de trezentas e tantas paginas que se vendem por 100 réis!

O assumpto d'este 3.^o numero é o *Herdeiro de Robinson* de André de Laurie.

NECROLOGIA

Em 4 do corrente mez deixou de pertencer ao numero dos vivos a conhecida pro-



fessora do Conservatorio, D. Leonor Lazary.

Ha 14 annos que leccionava n'aquelle es-

tabelecimento official, onde era muito estimada pela sua paciencia e bom character, tendo tambem grande numero de alumnas particulares que muito a apreciavam.

Fôra discipula de Matta Junior e de Réy Colaço, mas a não ser nos actos officiaes, taes como exames, concursos, etc., poucas vezes se apresentara como concertista de piano, preferindo, por timidez natural ou por falta de confiança nas proprias forças, limitar-se exclusivamente aos labores do ensino.

Tinha no emtanto aproveitaveis qualidades de tocadora, que mais de uma vez pudemos apreciar.



Acabam de fallecer:

Em Paris o barão Niedermeyer, filho do illustre compositor francez do mesmo appellido, cuja adoravel melodia *Le Lac*, ainda hoje faz parte do repertorio dos cantores. Consagrara á gloria do fallecido maestro um largo estudo sob o titulo de *Vida d'un compositor moderno*.

Em Londres Affonso Pontecorvo, cantor italiano de grande nomeada nos salões parisienses, e que partira para a capital ingleza oito dias antes da morte, que lhe sobreveiu apoz uma operação tornada urgente por um ataque de appendicite. Contava apenas 26 annos d'idade.

Em Utrecht o reputado compositor holandez Ricardo Hol, uma das individualidades mais notaveis da musica d'aquelle paiz. Quer como compositor que abordara resolutamente todos os generos, quer como pianista e director musical, e ainda como critico, deixava largamente assignalada a sua actividade sempre efficaz e proficua.

E finalmente em Vienna d'Austria morreu uma velha cantora, que tivera o seu quarto de hora de celebridade — Emma Mampe-Babnigg. Tinha 80 annos e ha mais de 25 que se retirara do theatro.

VIOLETA

VENDE-SE uma de valor, que pertenceu a um dos primeiros artistas portuenses, já fallecido.

Diz-se n'esta redacção

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 44

ARTE MUSICAL

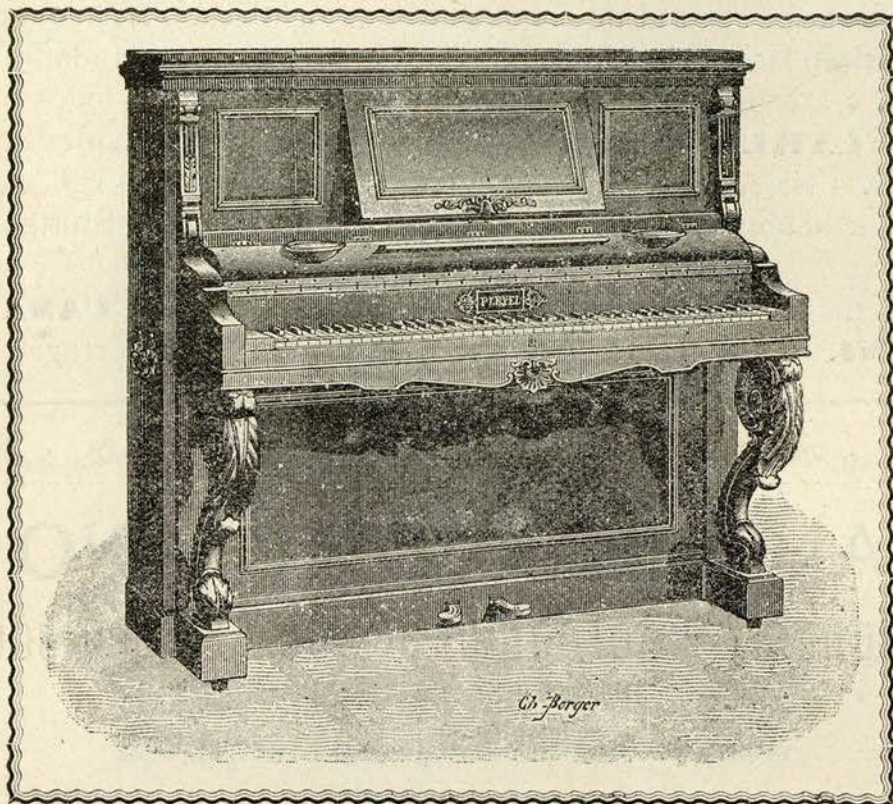
COMPRA-SE os n.^{os} 1, 2, 6, 9, 11, 40, 42, 56, 57 e 59 da presente publicação.

Diz-se n'esta redacção.

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 44

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

AUGUSTO D'AQUINO

Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers	» » Carl Lassen
» » » Liverpool	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

EDIÇÕES DA CASA

LAMBERTINI

43—PRAÇA DOS RESTAURADORES—49

—LISBOA—

Litteratura musical

Ernesto Vieira: — Diccionario biographico de musicos portuguezes, 2 vol. adornados com 33 retratos, fóra do texto e na sua maior parte absolutamente ineditos, broch.....	4\$000
<i>Encadernado com capas especias</i>	5\$500
Ernesto Vieira: — Diccionario musical, ornado de numerosas grav., (2. ^a edição	1\$800
Michel'angelo Lambertini: — Chansons et instruments, renseignements pour l'etude du folk-lore portugais (não está no commercio).....	—\$—
Arte Musical: — Revista quinzenal fundada em 1899 e illustrada com gravuras, cada anno publicado.....	2\$400
<i>Encadernado com capa especial</i>	3\$000
Annuario Musical. fundado em 1900. Luxuosa publicação ornada de muitas gravuras. Cada anno.....	1\$000

Canto e piano

Pereira: — Natus est Jesus, texto portuguez.....	500
Schira: — Sognai, texto italiano.....	300
» L'ultima lagrima, texto italiano.....	300

Violino e piano

Hussla: — Feuille d'album.....	600
---------------------------------------	-----

Piano só

Battmann: — Aida, petite fantaisie.....	400
Bellando: — Melodia romantica.....	400
» Nostalgia.....	400
Bomtempo: — Chrysantème, menuet.....	500
Braga: — Perle du Chiado, valse ..	400
Brinita: — Romance sans paroles ..	600
» Menuet ..	400
Carpentier: — Aida, transcription facile.....	300
Colaço: — Fado Hylario.....	600
» Fado corrido e Fado do Pintasilgo.....	800
Daddi: — Rimembranza, valsa.....	400
Furtado: — Zininha, valsa.....	500
Hussla: — Quarta Rapsodia portugueza.....	800
Lacerda: — Canção do Berço ..	400
» Lusitanas, valsas.....	600
Mackee: — Caressante, valsa ..	500
» Honey Moon, valsa.....	500
Mantua: — Grata, valsa.....	500
» Pas de quatre (Broinhas de milho).....	500
» P'ra inglez vêr, valsa ..	500
Mascarenhas: — Celeste, polka.....	300
Oesten: — Clochette des Alpes ..	400
Oliveira: — Caldas Club, pas-de-quatre ..	500
Pereira: — Lisboa á noute, valsa.....	500
Pinto: — Confidence, valsa.....	500
Rover: — Arte Nova, valsa.....	500
Sapetti: — Espoir d'amour, valsa.....	500
Collecção de Fados	800

GRANDE SORTIMENTO DE MUSICAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS DE TODAS AS EDIÇÕES

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e órgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Nazareth Silva , prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>Travessa do Noronha, 16, 1.º</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julietta Hirsch , <i>Rua Raphael d'Andrade, R. G., 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 4, 2.º</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atasfonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>Rua de S. Bento, 98, 1.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1\$200
No Brazil (moeda forte)...	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA